

O Pavilhão das Peónias

LÚCIA LEMOS*

A ópera *O Pavilhão das Peónias* (*Mudan Ting* 牡丹亭) foi escrita pelo dramaturgo e poeta Tang Xianzu 汤显祖 (1550-1616).

Tang Xianzu nasceu em Linchuan. Aos 21 anos era um funcionário administrativo de irrelevante categoria. Aos 34 anos concorreu aos exames imperiais para poder ascender na carreira, tendo sido aprovado. Foi colocado em Nanjing, onde trabalhou até ao fim da sua carreira. Reformado, retirou-se em Suzhou para escrever e reflectir. Na peça *O Pavilhão das Peónias*, Tang talvez desejasse conciliar os ideais do Confucionismo, do Taoísmo e Budismo.

Em 1582, Mateus Ricci esperava em Suzhou e em Nanjing para ser recebido pelo imperador no Palácio Imperial. Imaginemos que os dois visionários se tivessem então encontrado. O jesuíta tinha aprendido a ler e a interpretar os clássicos chineses para poder desempenhar a sua missão na China, tendo sido o primeiro europeu a inscrever caracteres chineses no “Mapa Mundi”. A coincidência de datas e lugares é merecedora de análise. Se Tang Xianzu teve contactos com o Cristianismo, será que foi levado a concluir pela existência de outras linhas de pensamento e de outros credos que podiam mudar o homem, ou confundir-lo? Afinal, Mateus Ricci, como cientista e matemático, provocava curiosidade e admiração e a sua presença não passava despercebida. Mateus Ricci morreu na China em 1610 e Tang Xianzu em 1616. Especulações que

podem ser ficcionadas pelo quanto os dois magníficos legaram à Humanidade.

O Pavilhão das Peónias é uma obra literária centrada nas mulheres e nas suas questões; uma comédia dramática que aborda de forma irónica e erotizante o desejo e a sexualidade de uma mulher através de um sonho. Incita a mulher a seguir a sua natureza e a lutar pela escolha do homem desejado, contrariando a “obediência filial” da noiva prometida do sistema ético vigente, regulador da conduta moral e ordem social confucianas. A peça centra-se numa história de amor verdadeiro, mas proibido, entre a donzela Du Liniang 杜丽娘 (Peónia) e o candidato aos exames imperiais Liu Mengmeng 柳梦梅 (Ameixoeira).

Na China, os nomes e palavras são como jogos e têm múltiplos significados, que vão muito para além dos sentidos visuais ou sensoriais, reflectindo convicções culturais e idiossincrasias. Os três personagens principais – Peónia, Ameixoeira e Fragrância da Primavera – significam mais que as suas cores ou aromas. Simbolizam o feminino e o masculino, talento, frescura, juventude, beleza, erotismo, sensualidade, fertilidade, fecundação, floração, tenacidade, durabilidade, velhice, morte, renascimento, etc. A peónia é a flor imperial e um símbolo da feminilidade. Representa a Primavera, já que floresce nesta estação. É perfumada e simboliza a beleza feminina. Desde tempos imemoriais é inspiração de poetas, escritores, pintores, ceramistas, escultores, artífices.

A história começa assim: o tutor da menina de 16 anos ensina-lhe como ser uma mulher virtuosa

* Fotógrafa. Coordenadora do Creative Macau - Centre for Creative Industries.



MACAO: ARTS & LETTERS - I

através do clássico confuciano *Livro das Odes* (*Shi Jing* 诗经). Nem a donzela nem a ama Chunxiang 春香 (Fragrância da Primavera) querem saber de tais regras ortodoxas e retiram-se para um lugar secreto nas imediações do Jardim das Peónias para uma sesta. No jardim, a jovem cai num sono profundo e sonha que o Deus do Amor a encaminhava para o homem dos seus sonhos. Ela e o amado entreolham-se de pasmo e ele pede-lhe que escreva um poema que celebre aquele encontro. Confessam que há muito se procuravam e ali, no Pavilhão do Jardim das Peónias, ela materializa o seu desejo sexual... Nesse momento, único e mágico, as peónias floriram e cobriram os seus corpos.

No dia seguinte, intrigada, Du Liniang volta ao jardim procurando sinais de que o seu sonho tinha sido real. Felizmente, encontra memórias desse idílico e inesquecível momento. Inquieta-se com o canto dos pássaros prisioneiros em belíssimas gaiolas, angustia-se com a inutilidade paradisíaca do cenário. Sacode-a um tremor, um aperto afligido no seu coração... Tão bela e educada... mas impedida de amar quem deseja.

Atormentada, recusa-se a desperdiçar os anos de juventude à espera de poder consumir o que vivera em sonhos. Numa ansiedade profunda, consciente do seu destino demais previsível, Peónia afunda-se na sua infelicidade e deixa-se morrer de fome, de sede e de medo. É-lhe diagnosticado o mal de amor e, resignada, morre, não sem antes pintar o seu auto-retrato, uma ode à sua beleza. Manda-o enterrar sob uma ameixoeira naquele Jardim das Peónias, onde vivera o seu sonho de amor.

A história leva-nos ao período das invasões; com o país em guerra, os homens são chamados a combater.

Liu Mengmei, um jovem órfão estudante, parte para Hangzhou para fazer os exames oficiais administrativos em, após os quais adoece. É acometido de delírios e sonha com Du Liniang que lhe indica o local onde o auto-retrato fora escondido. Pede-lhe que o desenterre e o entregue ao pai, um senhor da guerra. Este prende Liu Mengmei por violação do túmulo. Na prisão, Du Liniang aparece-lhe em espírito e revela-lhe o lugar da sua campa, pedindo-lhe que exume o seu cadáver. Entretanto, surge um emissário imperial em busca daquele que tinha concluído os exames com distinção, resultados entretanto atrasados pela crise política vivida no país. O pai é forçado a aceitar as mudanças sociopolíticas e perdoa Liu Mengmei. Juntos, vão até ao túmulo de

Peónia, onde a encontram viva. O poder do amor era tão forte que a libertou da morte.

A peça termina, como habitualmente, com a promoção oficial do amado e a reconciliação familiar. **RC**

Nota da autora: A história da peça baseia-se na minha própria interpretação, sem qualquer rigor histórico.

Este texto foi a minha comunicação por ocasião do Colóquio Internacional “Culturas Paralelas e Processos Transculturais: Cidades Portuárias/Cidades Interculturais” na Universidade de Macau (22 - 24 de Março de 2011)

Simultaneamente, o evento incluiu uma exposição fotográfica, uma série de 28 fotografias a preto e branco de minha autoria sobre a ópera chinesa, na Galeria da Biblioteca Internacional da Universidade de Macau.





The Peony Pavilion

LÚCIA LEMOS*

The opera *The Peony Pavilion* (*Mudan Ting* 牡丹亭) was written by playwright and poet Tang Xianzu (1550-1616).

Tang Xianzu was born in Linchuan. By the age of 21, he was working as a low-ranking administrative officer. At the age of 34 he took and passed the imperial exam to advance his career. He was placed in Nanjing where he worked for the remainder of his career. Once retired, Tang Xianzu retreated to Suzhou where he would write and reflect. Perhaps it was in *The Peony Pavilion* that Tang sought to reconcile his ideals embedded in Confucianism, Taoism and Buddhism.

In 1582, Mateus Ricci was in Nanjing and Suzhou waiting to be received by the Emperor at the Imperial Palace. Imagine if the two visionaries, Mateus and Tang met during that time. The Jesuit priest had learnt how to read Chinese classics and interpret them, so as to facilitate his work during his mission to China, and he was the first European to ever inscribe Chinese characters in the 'Mapa Mundi'. The coincidence between the dates and location deserves further thought. If Tang Xianzu was exposed to Christianity, could it have driven him to the conclusion that there were other equally strong lines of thought and creeds, which could change a man or confuse him? After all, Ricci as a scientist and mathematician would have provoked curiosity and admiration, and his presence would not likely have gone unnoticed. He died in

China in 1610 and Tang Xianzu in 1616. These are but speculations that could be transformed into fiction thanks to these two men's legacy to Humanity.

The Peony Pavilion is a literary work centered on women and their affairs. It is a comedy-drama that takes an ironic and erotic approach to discussing lust and the sexual fulfillment of a woman through a dream. The work incites women to pursue their nature and fight for their own choice of the men they desire, contradicting the role of the promised bride, expected by the conventions of the time regarding moral conduct, 'filial piety', and the social order peculiar to Confucianism. The play focuses on a true and forbidden love story between Lady Du Liniang 杜丽娘 (Peony) and Liu Mengmei 柳梦梅 (Plum Tree), a candidate to the Imperial exams.

In China, names and words can be turned into a game, as they have multiple meanings that transcend the visual or sensory senses, reflecting cultural beliefs and idiosyncrasies. The three main characters, Peony, Plum Tree and Spring Fragrance, have a depth of meaning beyond their colours or scents; they symbolize the feminine and the masculine, talent, freshness, youth, beauty, eroticism, sensuality, fertility, fecundation, blooming, tenacity, durability, aging, death, rebirth, etc. The peony is the imperial flower, and a symbol of womanhood. It represents Spring, as it flowers during this season. It is aromatic and symbolizes feminine beauty. Throughout generations, it has inspired poets, writers, painters, sculptors, ceramists and craftsmen.

* Photographer. Coordinator of Creative Macau - Centre for Creative Industries.

MACAU: ARTES & LETRAS - I

This is how the story starts: the 16 year old girl's tutor teaches her how to be a virtuous woman through the Confucian classic the *Book of Songs* (*Shi Jing* 诗经). Neither Peony, nor her nurse Chunxiang 春香 (Spring Fragrance) care about such orthodox rules, and so they retire to a secret place near the Peony Garden for a nap. While in the garden, Lady Du Liniang falls into deep sleep and dreams that the god of love takes her to the man of her dreams. The lovers gaze into each others' eyes in amazement and he asks her to write a poem that will celebrate their encounter. They confess that they've been searching for one another for a long time, and there, in the Peony Garden Pavilion, she fulfills her sexual desire. In that magical and unique moment, the peonies bloom and cover their bodies.

Intrigued, Du Liniang returns to the garden on the following day, looking for traces that her dream was real. Fortunately, she finds memories of that idyllic and unforgettable moment. The birds, imprisoned in beautiful cages, sing, and this worries her. She becomes



anxious at the paradisiacal uselessness of the natural scenery. She quivers as a sharp pain freezes her heart... So beautiful and gentle... but restrained from loving whom she desires.

Tormented, she refuses to waste her youth waiting to consummate what she experienced in her dreams. In a deep angst, and conscious of her predictable destiny, Peony becomes immersed in her unhappiness and lets herself die of hunger, thirst and fear. Diagnosed with an illness of love, she resigns and dies, not before painting her first portrait, an ode to her beauty. She asks that it be buried under a plum tree, in the garden where she lived her dream of love.

The story moves on to a period of invasion when the country is at war and men are called to fight.

Liu Mengmei, a young student who is an orphan, goes to Hangzhou to take the official administrative exams, after which he becomes ill. In his delirious sleep, he dreams of Du Liniang, who tells him where her portrait was hidden. She asks him to unbury it and hand it to his father, a warlord, who imprisons Liu Mengmei for desecrating the burial site. While in prison, Du Liniang's spirit appears to Liu and asks him to exhume her cadaver. Meanwhile, an Imperial emissary appears and asks for the author who completed the exam with honours, as the results were delayed due to the country's political crisis. The father is forced to accept the changes, and pardons Liu Mengmei. Together they go to Peony's grave, where they find her alive. The power of love was such that she rose from the dead.

The play ends with a promotion and a family reconciliation. **RC**

Author's note: The play's story is based on the author's own interpretation, and is not based on historical fact.

This article entitled *The Peony Pavilion* was my press release for the International Colloquium 'Parallel Cultures and Cross-cultural Processes: Port Cities/Intercultural Cities' held in the University of Macau from 22 to 24 March 2011.

The event included an exhibition in the Gallery of the International Library of the University of Macau. This exhibition featured a series of 28 black and white photographs taken by me, themed around the Chinese opera.















